

# A violência e a Lei

Certa noite, no estudo de O Evangelho Segundo o Espiritismo, o orador falava sobre a parábola do filho pródigo. Mostrava as implicações materiais e espirituais da lição e comparava o relacionamento daquele pai e seus filhos com o tratamento que Deus dispensa a toda humanidade. Abordamos, de nossa parte, que a reencarnação pode ser também compreendida como a festa que aquele pai fez para o filho que retornava, já que vinha ansioso por crescer, aprender e aplicar os conhecimentos adquiridos na difícil experiência. Na parábola, aquele filho que pediu ao pai a sua parcela e tentou ser independente, cresceu como homem mais do que o outro que permaneceu na casa, apesar do aparente fracasso que o obrigou a fazer-se humilde e pedir perdão e ajuda ao genitor.

Diferentemente agem os pais terrenos. Impedem que seus filhos cresçam e poucos têm a coragem de dividir com o filho corajoso o seu patrimônio para que ele busque a independência. Preferem engrossar o acervo e manter-se como tutor da família. Acreditam que correrão menos risco já que a inexperiência do filho poderá levá-lo ao insucesso e causar prejuízo. Se observassem as aves veriam que tão logo o filhote aprende a voar os pais desincumbem-se da sua vida, premiando-os com a liberdade e a responsabilidade.

Como não agem assim, os homens criam uma prole inexperiente e quando o patriarca se despede da vida, deixa de mãos atadas os herdeiros que não aprenderam a lidar com o patrimônio que lhes é entregue. Grandes grupos industriais têm falido quando ficaram sob o comando da segunda geração. Despreparados, dilapidam em pouco tempo o que durou anos para construir. E não têm culpa, pois não foram treinados.

Quando analisamos os quadros de violência que assolam a humanidade nos dias tumultuados do final dos tempos, costumamos defini-la como a animalidade dos homens que agem como bichos. A violência para nós é o estupro, o seqüestro, o crime, a invasão do domicílio. Todavia, uma outra grande carga de violência se pratica sob o amparo da lei, que nunca analisa a implicação moral e espiritual. Prende-se o que mata uma pessoa, mas não se prende o que mata uma esperança.

Os filhos, entregues aos pais para ser educados e aculturados, são muitas vezes vítimas da incompetência e do desconhecimento que os genitores têm quanto à responsabilidade que lhes compete. Tutelam demais e orientam de menos. Quem sabe se o direito dos homens não deve criar penas para os pais que negligenciam na formação de seus filhos, por inteiro. Chegaria o dia em que estes reclamariam nos tribunais, alegando que apesar de receberem as roupas caras, o carro do ano, o melhor alimento e o melhor colégio particular, nunca tiveram amor, nunca receberam a advertência, nunca se beneficiaram da merecida, necessária e oportuna punição.

Enquadramo-nos todos na história do filho pródigo. Às vezes, somos o que ficou junto ao pai, sem buscar o desconhecido que aperfeiçoa e amplia a visão da vida. Não queremos errar, logo, não experimentamos. Não erramos, mas não crescemos. Outras vezes, somos o aventureiro imprevidente que recebeu do pai o seu quinhão, mas o consumiu com leviandade e imprudência.

Num caso ou noutro, o resultado origina a violência. Mas não a violência mencionada no decorrer deste texto. A violência de malbaratar os bens oferecidos por Deus. Ao reencarnar, recebemos uma dose de favores divinos para usar durante a vida. Mas nós os usamos incorretamente. Esses bens são o corpo físico, a inteligência, o dia de 24 horas, o alimento, o ar, a água, para citar algumas das inúmeras benesses.

Ao chegar à Terra, agimos conforme a nossa inferioridade. Temos inveja de tudo e de todos. Somos melindrosos e nos ofendemos quando nos corrigem. Gulosos, comemos demais e erradamente. Poluímos o ar que precisamos na manutenção da vida orgânica. Sujamos os rios com químicas e detritos. Aplicamos a inteligência na burla dos direitos do semelhante. Resultado, ao invés de flutuar nas águas cristalinas das leis de Deus, sempre de correnteza mansa e que leva o barco da vida ao porto seguro, preferimos navegar entre vagalhões que emborcam nossa nau e rasgam as velas que nos direcionariam ao porto da harmonia.

Essa violência se revela em cada homem, sem distinguir sexo. Violência de marido contra esposa, e vice-versa; de filho contra pai; de governo contra povo; de motorista contra pedestre; de jovem contra velho; de inteligente contra beócio; de rico contra pobre; de cor contra outra; de religioso contra ateu; de elegante contra destrambelhado; de forte contra fraco; de nativo contra estrangeiro.

Daí, navegando contra a corrente a barca nunca chega ao destino. E o timoneiro esfalfado busca socorro. Busca socorro em Deus. Deus na figura das leis, não dos templos, das rezas, dos pretensos privilégios. Ao retornar como o filho pródigo, encontra o Pai sorridente que se alegra com a volta da ovelha desgarrada. Deus espera, pacientemente, porque sabe que não há alternativa. Mas o homem pensa que há. Por um tempo ele se dá bem e imagina-se auto-suficiente. Mas, na contramão da lei, o sucesso é efêmero e inconsistente.

Antes de nos assustarmos com a violência e criticarmos o comportamento alheio, imputando aos facínoras toda a responsabilidade dessa violência, observemos que diariamente cada um de nós lança mais uma semente na grande seara do desentendimento. E, regada pelas lágrimas, ela tem se desenvolvido rápida e assustadoramente.

Temos de combater a violência, a partir das formas mais singelas. A árvore não nasce grande e só produz frutos porque um dia foi plantada. Cada ser vivente deste planeta miúdo e sofrido é um agente causador do mal. Muitas vezes por mera ignorância. Pode ser uma atenuante, mas nunca uma desculpa ou justificativa. No direito dos homens está escrito que ninguém pode alegar ignorância a respeito da lei. E a lei de Deus é mais facilmente compreensível do que a dos homens. E se estas estão impressas nos livros, a lei de Deus está escrita no coração de todas as pessoas.

(Artigo de autoria de Octávio Caúmo Serrano, publicado no Boletim "A Voz do Espírito", Nr. 019, de 08/02/2000)